

Perspectivas globais sobre a literatura de autoria feminina

Priscila Campello*

Rebecca Atencio**

Pauline Kaldas***

Ao comparar as narrativas escritas por homens aos textos desenvolvidos por mulheres, Isabel Allegro de Magalhães, em seu livro intitulado *O sexo dos textos*, destaca que o que difere uma obra de outra é justamente a perspectiva autoral. Ela discorre que as mulheres

viveram, portanto, a experiência de outro ponto de vista, e essa será uma das razões pelas quais as suas narrativas se mostram tão claramente diferentes. Mas, por outro lado, essa diferença no ponto de vista tem a ver com algo de mais permanente: com uma percepção e uma atenção que as mulheres, pela sua história, foram levadas a desenvolver (Magalhães, 1995, p.30).

* Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Realizou doutorado sanduiche na Universidade da Carolina do Norte em Chapel Hill (EUA). Mestrado em Literaturas de Língua Inglesa e graduação em Letras – habilitação Inglês, ambos também pela UFMG. Professora adjunta de literaturas em língua inglesa no Curso de Letras da PUC Minas desde 2001 e professora do Programa de Pós-Graduação em Letras na mesma instituição desde 2013. Desenvolve pesquisa na área de literatura de autoria feminina, literaturas de imigrantes nos Estados Unidos, tradução de texto literário. Coordena os grupos de pesquisa “Gato sem rabo: literatura de autoria feminina” e “Filhos do exílio: sujeitos e espaços desestabilizados na escrita de autoria feminina contemporânea”.

** Doutora e professora livre-docente de Estudos Brasileiros da Universidade de Tulane, nos Estados Unidos. Em 2014, publicou o livro *Memory's Turn: Reckoning with Dictatorship in Brazil* pela University of Wisconsin Press. Atualmente, ela está completando um novo livro sobre feminismo no Brasil contemporâneo. É co-editora da revista acadêmica *Luso-Brazilian Review*, a mais antiga revista focada no Brasil nos Estados Unidos, sediada na Universidade de Wisconsin-Madison. Também serviu duas vezes como integrante eleita do comitê executivo da BRASA (Associação de Estudos Brasileiros).

***Pauline Kaldas é autora de *The Measure of Distance* (romance), *Looking Both Ways* (ensaios), *The Time Between Places* (contos), *Cartas do Cairo* (memórias de viagem), e *Egyptian Compass* (poesia), assim como do livro didático, *Writing the Multicultural Experience*. Também é co-editora das antologias *Dinarzad's Children: An Anthology of Contemporary Arab American Fiction* e *Beyond Memory: An Anthology of Contemporary Arab American Creative Nonfiction*. Foi premiada com uma bolsa de estudos em ficção da Virginia Commission of the Arts e foi escritora residente no programa MacDowell Colony, no Virginia Center for the Creative Arts, no The Writers' Colony at Dairy Hollow e no Green Olive Arts em Marrocos. Atualmente é professora de Literatura e Escrita Criativa na Hollins University.

Partindo dessa premissa, o presente volume tem como foco a escrita de autoria feminina contemporânea que abrange uma perspectiva multicultural e global. Nosso objetivo é abarcar textos de diferentes gêneros de escritoras brasileiras ou estrangeiras, que abordem temáticas de ordens diversas, desde uma visão bem micro e local até questões globais/internacionais e multiétnicas. Nosso intuito é apresentar possibilidades que incluam análises literárias ou textos criativos desde que o ponto de partida seja a autoria exclusivamente feminina.

Dessa forma, organizamos o nosso dossiê a partir de dois vieses. O primeiro considera os gêneros literários propostos e o segundo o local de origem das autoras dos textos. Começamos com a prosa, passamos pela poesia e pelo teatro. Partimos das Américas (Brasil e Estados Unidos), passamos por África e Europa, e voltamos ao ponto de partida (América do Sul e Caribe). Queríamos apontar para a diversidade e universalidade das propostas, perpassando pelos mais variados temas relacionados diretamente ao feminino e/ou ao lugar subalternizado que a mulher ocupa, como maternidade, escrevivência, decolonialidade, sexualidade, violência, *gaslighting*, identidade, corpo e patriarcado, entre outros. Vale ressaltar, no entanto, que algumas temáticas encontradas aqui extrapolam a questão do feminino e versam também sobre questões que não dizem respeito unicamente ao gênero feminino/masculino, mas que são universais, como a questão da raça, o conceito de estereótipo, o caminhar do *flâneur*, uma obra do teatro do absurdo.

Do ponto de vista teórico, nosso dossiê também é múltiplo, universal e diverso. Os artigos apresentados aqui incluem uma gama de estudiosos, referências nacionais e internacionais de várias áreas das Humanidades e das Ciências Sociais –

Literatura, Filosofia, História, Sociologia –, tais como: Adrienne Rich, Ángel Rama, Antonio Candido, bell hooks, Conceição Evaristo, Édouard Glissant, Félix Guattari, Gaston Bachelard, Gilles Deleuze, Grada Kilomba, Hélène Cixous, Homi Bhabha, Lélia Gonzalez, Luce Irigaray, Maurice Merleau-Ponty, Michel Foucault, Michelle Perrot, Octavio Paz, Patricia Hill Collins, Roland Barthes, Simone de Beauvoir, Virginia Woolf, Zygmunt Bauman, Walter Benjamin.

O primeiro bloco do nosso dossiê é composto por quatro artigos que analisam textos em prosa, mais especificamente romances ou gêneros afins. Começamos com “Violência psicológica na literatura contemporânea: cenas do invisível”. Os autores Daniel Almeida Machado e Angela Maria Guida começam chamando atenção para o abuso psicológico como tema recorrente na literatura feminina que remonta pelo menos ao século XIX. Sua análise comparativa de *Na casa dos sonhos*, da autora norte-americana Carmen Maria Machado, e *Com todo o meu ressentimento*, da romancista brasileira Bruna Maia, destaca como uma nova geração de escritoras está abordando este assunto difícil em um contexto de crescente visibilidade jurídica e social. Em segundo lugar, “Compor *com*: cruzar vozes no campo da escrita” examina a dimensão co-autoral de *No canto dela*, coescrito por Ana Kiffer e Marie-Aude Alia, do Brasil e do Togo respectivamente. Como as autoras Luciéle Bernardi de Souza e Luciane Bernardi de Souza argumentam, esta prosa colaborativa inova um modo alternativo de escrita que desafia as convenções da autoria ocidental.

A seguir, em “*Minha casa é onde estou: escrevivência, identidade e decolonialidade em Igiaba Scego*”, Daniela Araújo Virgens e Adriana de Borges Gomes recorrem a teóricos como

Merleau-Ponty, Zygmunt Bauman e Aníbal Quijano para oferecer uma leitura decolonial de *Minha casa é onde estou*, da escritora ítalo-somali Igiaba Scego. Lendo o romance pelas lentes do conceito de *escrevivência* de Conceição Evaristo, as autoras postulam que Scego usa sua escrita para revelar histórias ocultas diante da colonialidade do poder e do fascismo. O artigo final deste bloco, “A escrita de Sally Rooney e as convergências com o *Flâneur*”, explora a estética de caminhar na cidade de Dublin em dois romances de Rooney, *Conversas entre amigos* e *Pessoas normais*. Adotando uma abordagem fenomenológica com base em vários teóricos, a autora Andressa do Nascimento Gonçalves interpreta os protagonistas como exemplificando o que Lauren Elkin chama de “a perspectiva flâneuse”.

No segundo bloco, permanecemos com a narrativa em prosa, porém trazemos três artigos que analisam contos. O primeiro é “‘Vó, a senhora é lésbica?’: Heterossexualidade compulsória e lesbianidades plurais em Natalia Borges Polessó” de Larissa Dias Barbosa. Os autores baseiam-se no trabalho de várias teóricas feministas do lesbianismo ao analisar a intertextualidade do conto com *A Metamorfose* de Kafka. A seguir temos “‘Manifiesta no saber firmar, nacido: 31 de diciembre’ de Esterçilia Simanca Pushaina - o nome próprio como Território”, de Tatiane Silva Santos e Shirlene Rohr de Souza. Na sua análise decolonial do conto, estas colaboradoras mostram como a autora, indígena wayuu, denuncia práticas comuns do governo colombiano, incluindo a padronização forçada dos nomes e datas de nascimento do povo wayuu. E por último está “O gótico contemporâneo: maternidade às avessas no conto ‘Conservas’, de Samanta Schweblin.” Nele,

as autoras Fabianna Simão Bellizzi Carneiro e Marisa Martins Gama-Khalil argumentam que as narrativas góticas de hoje, como a de Schweblin, preservam algumas convenções góticas (como a poética da angústia) enquanto dispensam outras (como fantasmas, terror e sangue).

No terceiro bloco, adentramos o campo poético com três artigos que tratam da poesia de autoria feminina. O primeiro deles é “Ângela Lopes Galvão e Celinha: mulheres pioneiras de *Cadernos Negros*”. Nele, o autor Ricardo Silva Ramos de Souza analisa os dois poemas “Retração” e “Interrogatório” com o objetivo de trazer maior atenção crítica a essas duas poetisas negras pouco reconhecidas, Galvão e Celinha (Célia Aparecida Pereira), respectivamente. No artigo seguinte, “Há que guardar a poesia: o instante e a natureza em Lenilde Freitas”, os autores Thaísa Rochelle Pereira Martins e José Hélder Pinheiro Alves examinam o mundo natural e o tempo como elementos fundacionais que informam as imagens líricas da poesia de Lenilde Freitas. E, finalmente, em “A representação da figura feminina na poesia de Ida Vitale”, Ana Carolina Oliveira Freitag apresenta a trajetória da importante poeta uruguaia Ida Vitale, analisando os poemas “Uma Mulher” e “Fortuna” como exemplares da sua obra.

O último bloco encerra-se com dois artigos distintos. Um concentra-se em uma peça teatral, já o outro tem como foco a escrita feminina negra no Caribe. Em “Notas do teatro do absurdo em *As aves da noite*, de Hilda Hilst”, Ana Cristina Steffen examina uma das oito obras teatrais de Hilst, apontando aspectos da peça que correspondem a elementos do Teatro do Absurdo teorizado por Martin Esslin. Por último, em “A quebra do horizonte de expectativas sobre as obras literárias de mulheres negras caribenhas”, Jhonnatas

dos Santos Sousa baseia-se no trabalho de vários teóricos para destacar como as escritoras negras caribenhas expõem estereótipos e o papel destes no discurso discriminatório.

Além dos doze artigos com análises literárias que compõem o dossiê neste volume, propusemos a inclusão de textos criativos também, conforme anunciado anteriormente. O primeiro é o ensaio “Um teto mais amplo: um diálogo com Virginia Woolf sobre a presença acadêmica feminina no sertão-norte brasileiro”. Nele, Jorge Luiz Adeodato Junior e Joana Dávila Jovino Farias tomam como inspiração o clássico ensaio de Virginia Woolf de 1929, “Um teto todo seu”, reimaginando sua premissa sob a perspectiva de uma jovem brasileira que está iniciando sua carreira em uma universidade pública do Nordeste brasileiro. Seu texto não apenas destaca a relevância contínua das observações de Woolf um século depois no contexto brasileiro, mas também nos convida a refletir sobre os obstáculos enfrentados pelas jovens brasileiras que embarcam em carreiras literárias.

Em seguida apresentamos um excerto da novela, ainda inédita, intitulada *You Are My Life*, da escritora egípcia-estadunidense Pauline Kaldas, que retrata o entrelaçamento do ato de cozinhar com os movimentos da dança das personagens ao som da música egípcia. São trechos muito sensoriais, imagéticos, trazidos de forma bastante descritiva e poética. Temos ainda poemas da autora palestina-estadunidense Lisa Suhair Majaj, cuja temática focal é a atual condição do povo palestino diante das atrocidades perpetradas por Israel desde outubro de 2023.

Fechamos nossa revista com dois artigos na Seção Livre que também dialogam com a questão do feminino. O primeiro deles é “Notas para uma análise da relação entre corpo e autoria no campo quadrinístico”. Nele, o autor Lucas Piter Alves Costa

insere as histórias em quadrinhos nos debates acadêmicos sobre questões de autoria. Baseando-se em Foucault, o autor explora o papel que o corpo desempenha no caso da quadrinista Laerte Coutinho, que fez sua mudança de gênero sem alterar seu nome autoral. Em seguida, em “Análise multimodal da obra *Vozes no Parque*: quando texto verbal e visual se unem para a construção dos sentidos”, Patricia Michelotti aplica as metafunções da *Gramática do Design Visual* ao estudo de imagens em livros infantis, particularmente *Vozes no Parque*, de Anthony Browne.

Duas resenhas fecham o número. Ambas discutem a poesia escrita por mulheres no Brasil, a saber: “Ana Martins Marques risca o silêncio” e “Efeitos feministas na nova geração de poetisas brasileiras: *As 29 poetisas hoje*”. A primeira resenha concentra-se na obra *Risque esta palavra* da poeta mineira Ana Martins Marques à luz da teoria do Contemporâneo de Giorgio Agamben. Há um diálogo também com a crítica trazida por Wilberth Salgueiro. Já a segunda resenha, sobre a obra de Heloisa Buarque de Hollanda, examina as transformações do campo literário em relação ao lugar ocupado pelas mulheres, através de uma análise que reflete sobre a diversidade geográfica, cultural e étnica das autoras incluídas na antologia.

Nosso objetivo com esta edição da **Scripta** foi reunir um grupo singular de vozes femininas de diferentes partes do mundo, representando uma variedade de formas e abordagens literárias. Ao justapor artigos e textos criativos de escritoras que normalmente não são examinadas em conjunto, esperamos que esta compilação estimule novos diálogos e formas de pensar sobre como as mulheres estão remodelando o campo literário. Assim sendo, convidamos nossos leitores a mergulhar neste conjunto de textos, criteriosamente selecionados, que compõem

este volume. Podemos afirmar que certamente ele exprime perspectivas diversas e relevantes sobre textos de autoria feminina. Desejamos que sua leitura seja instigante e proveitosa, assim como foram para nós.

As organizadoras.